

humanitas

Vol. XV–XVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA
MCMLXIII-LXIV

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES NOS ANOS LECTIVOS DE 1961-1962 E 1962-1963

Dois anos mais de perseverante actividade da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos — o quinto e o sexto da sua existência — na boa causa da difusão e ilustração da cultura greco-latina no nosso país representam uma nova garantia de que o esforço despendido será continuado e produzirá em breve os frutos que dele se esperam.

A primeira sessão do ano lectivo de 1961-1962 realizou-se em 28 de Novembro e foi consagrada, como habitualmente, à eleição da nova Direcção. Após a leitura e a aprovação do relatório de contas do ano transacto, o Rev. Dr. Custódio Lopes dos Santos propôs que fosse reeleita a Direcção do ano anterior. A sua proposta foi aceite por unanimidade.

A Vice-Presidente reeleita, Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, expôs as linhas gerais do plano de actividades para o ano lectivo de 1961-62.

Com larga assistência de professores e alunos, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira apresentou, na sessão de 5 de Dezembro, uma comunicação sobre *O conceito de poesia na Grécia arcaica*. Presidiu o Dr. Manuel de Oliveira Pulquério, tesoureiro da Associação, que, em breves palavras, evocou os extensos e valiosos serviços que, com incansável dedicação, a Doutora Rocha Pereira tem prestado à divulgação e enriquecimento da cultura clássica no nosso país. Tomando a

palavra, a conferente começou por estudar o conceito de poesia e a função do seu criador nas sociedades homérica e arcaica, que considerava o poeta um inspirado dos deuses. Quer a sua obra servisse para ensinar, quer para distrair, havia, na maioria dos autores, uma identidade marcada entre os seus interesses e os de meio em que vivia. Esta identidade podia ir até ao ponto de transformar o exercício da poesia num verdadeiro magistério, relegando para um plano secundário o poder de efabulação e, portanto, formulando muito cedo o problema da antinomia poesia e verdade. Também o da correlação entre as artes se encontrava já delineado, e até a noção de êxtase poético. Neste conjunto de opiniões predominava, no entanto, o sentido do valor psicagógico e catártico da poesia.

A exposição da Doutora Rocha Pereira, atentamente seguida pela assistência, foi muito aplaudida no final.

À audição comentada das *Coéforas* de Milhaud se consagrou a sessão de 25 de Janeiro de 1962. A Doutora Rocha Pereira, que presidia, indicou sucintamente a estrutura e alguns problemas cénicos da peça de Esquilo. Fez depois a apresentação do Dr. Francisco de Faria, a quem agradeceu a colaboração que tem prestado à A.P.E.C. Aquele professor expôs a posição de *As «Coéforas» de Milhaud na história do drama musical*, desde as primeiras tentativas realizadas pela música italiana até às interpretações modernas da tragédia de Esquilo.

Seguiu-se a audição de um disco microgravado da ópera de Milhaud, reproduzida por aparelhagem de alta fidelidade.

Na sessão de 27 de Fevereiro, a que presidiu a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, apresentou a Dr.^a Maria Alice Nobre Gouveia uma comunicação sobre *Problemas da iniciação no ensino do latim*, em que fez oportunas considerações sobre os processos actualmente seguidos no ensino da gramática e do vocabulário, discutindo as soluções e os resultados, com base na sua experiência pedagógica, adquirida em alguns anos de magistério liceal.

Participaram na discussão final do trabalho o P.^e José Galdes Freire, a Dr.^a Maria de Jesus Gomes, o P.^e Dr. Custódio Lopes dos Santos, o Dr. Manuel de Oliveira Pulquério e a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira.

Problemas da actuação do coro na «Antígona» de Sófocles foi o tema da comunicação apresentada na sessão de 29 de Março pelo Dr. Manuel de Oliveira Pulquério. A Doutora Rocha Pereira fez uma elogiosa apresentação do conferente e pôs em relevo a devotada colaboração que, mesmo em condições difíceis de trabalho, ele tem prestado à Associação. Tomando a palavra, começou o Dr. Manuel Pulquério por se referir às dificuldades e controvérsias que tem suscitado a interpretação da peça e afirmou que, em sua opinião, aquela tragédia realiza uma perfeita unidade em torno da personagem de Antígona, a cujo destino se entrelaçam, mais ou menos intimamente, os destinos das outras personagens. Passando à interpretação da atitude do coro no decorrer da peça, considerou o párodo um canto de acção de graças em que, ao mesmo tempo, se reconhece a fraqueza do homem e a sua dependência do divino ; o primeiro estásimo, a expressão de um dramático equívoco, que o decorrer da acção se encarregará de desfazer, mas que desde logo contribui para dar humanidade e verosimilhança ao coro; o segundo, a condenação implícita da atitude de Creonte; o terceiro, um reflexivo aprofundamento da realidade, cuja estrutura é obra dos deuses; o quarto, uma lição de modéstia e de temor religioso, inspirado na espectáculo lamentável do sofrimento de uma donzela inocente. Afirmou, como conclusão, que, longe de oferecer um perfil rectilíneo e unitário, o coro da *Antígona* reflectia uma alma complexa, ansiosa e comovida, cuja essência se poderia traduzir pela palavra «piedade».

O conferente foi muito aplaudido. Na troca de impressões que se seguiu, intervieram os Doutores Paulo Quintela e Maria Helena da Rocha Pereira, os quais se ocuparam do problema da personagem principal da peça e se pronunciaram, contra a opinião do Dr. Manuel Pulquério, em favor de Creonte. A Doutora Rocha Pereira discutiu ainda o problema do primeiro estásimo e o P.º Geraldês Freire exprimiu algumas impressões sobre o significado do coro em geral.

Na sessão de 12 de Abril, a que presidiu a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, o Doutor Walter de Sousa Medeiros leu uma comunicação intitulada *Aires Barbosa: a vida e a obra do «Mestre Grego»*. Expôs os elementos apurados sobre a família do humanista, o problema da data do nascimento, os primeiros estudos na pátria e em Salamanca, o magistério florentino de Angelo Policiano, o ingresso na Universidade de Salamanca como professor das duas línguas clássicas, a sua luta con-

tra a barbárie, o desaire que sofreu no provimento da cátedra de Gramática, a publicação das releções *De uerbis obliquis*, *Epometria*, *Prosodia et Orthographia* e do texto comentado da *Historia Apostolica* de Arátor, a formação dos discípulos, as últimas homenagens da Universidade, o regresso a Portugal, as lições dadas ao cardeal D. Afonso e ao infante D. Henrique, as amarguras da velhice, a publicação da *Antimoria* e a morte em resignação cristã.

Na troca de impressões que se seguiu, a Doutora Rocha Pereira aludiu ao interesse de um estudo sobre as relações entre Nebrissa e Aires Barbosa.

Não se realizou a sessão de Maio, por ter faltado o conferente, Rev. Dr. Domingos Maurício, que para a mesma estava designado e que não foi possível, à última hora, substituir.

Uma visita ao Museu Monográfico de Conímbriga encerrou, a 18 de Junho, o quinto ano de actividades da Associação. Os visitantes foram acompanhados pelo Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, director do Museu, que deu esclarecimentos sobre a localização primitiva e a valia das peças expostas, e acompanhou depois os presentes numa excursão através da zona onde se verificaram os últimos achados arqueológicos.

O Professor Doutor Américo da Costa Ramalho, presidente da Associação, agradeceu ao Dr. Bairrão Oleiro a preciosa colaboração que à mesma tem prestado. A este agradecimento se associou também o Professor Doutor Manuel de Paiva Boléo.

*

Com a reunião da Assembleia-Geral dos sócios da Associação se iniciaram, em 15 de Novembro, os trabalhos do ano lectivo de 1962-1963. O Secretário cessante leu as actas das últimas sessões e distribuiu o relatório das contas do ano transacto, elaborado pelo Tesoureiro cessante, Dr. Manuel de Oliveira Pulquério. Esse relatório foi aprovado por unanimidade e louvado o seu autor.

Por proposta do Dr. Joaquim Marques Pereira, foi reeleita a Direcção do ano anterior. O Presidente reeleito, Professor Doutor Américo da Costa Ramalho, agradeceu, anunciou o tema da sessão de Dezembro

e sugeriu que, no início de cada sessão, se destinasse um período de dez a quinze minutos à apresentação de breves notícias com interesse para a cultura clássica.

A Santa Sé e os Estudos Clássicos foi o tema da comunicação apresentada na sessão de 18 de Dezembro pelo Rev. Dr. José Galdes Freire. O Professor Doutor Américo Ramalho, que presidia, deu, para informação daqueles que assistiam pela primeira vez às reuniões da Associação, alguns esclarecimentos sobre os objectivos culturais e práticos que a mesma se propõe; e fez uma elogiosa apresentação do conferente.

Começou o Rev. Dr. Galdes Freire por referir os numerosos documentos emanados da Santa Sé, em defesa das línguas clássicas, desde Pio IX aos nossos dias, e resumiu depois o pensamento da *Veterum sapientia*, publicada em 22 de Fevereiro de 1962 pelo Papa João XXIII, e das *Ordinationes* correspondentes; depois de ter analisado o programa proposto pela Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades, no que respeita aos autores e à gramática — a estudar durante, pelo menos, os sete anos do *curriculum* dos Seminários Menores —, fez várias observações sobre os métodos de ensino recomendados nas *Ordinationes*; referiu-se ao espírito e ao plano dos estudos para o curso clássico, a dar nos quatro anos de Teologia; fez algumas considerações sobre o ensino do Grego; e finalmente rebateu a opinião dos que pensaram ver, na tendência manifestada da primeira fase do Concílio Vaticano II para se introduzirem mais largamente as línguas vernáculas na liturgia, um sinal de que a Santa Sé estaria retirando às línguas clássicas a protecção que sempre lhes tem dispensado.

O conferente foi muito aplaudido. Seguiu-se uma troca de impressões sobre o tema da comunicação. Em resposta a dúvidas apresentadas pelo Dr. Marcelino Pereira e por vários alunos, o professor Doutor Américo Ramalho deu amplas informações sobre o interesse que o ensino do latim desperta ainda hoje nos Estados Unidos e sobre a organização dos estudos clássicos naquele país, e insistiu na necessidade urgente de se esclarecer a opinião pública portuguesa sobre o autêntico valor formativo da língua latina; o Rev. Dr. Galdes Freire satisfez, por seu turno, vários pedidos de esclarecimento sobre aspectos da didáctica do latim nos Seminários.

No final, o Professor Doutor Américo Ramalho manifestou o seu contentamento pela forma animada e proveitosa como decorreria a sessão,

e congratulou-se em especial com a participação dos alunos na discussão dos problemas suscitados pela comunicação do Rev. Dr. Galdes Freire.

Em um dos anfiteatros da Faculdade de Letras, o Professor Doutor Américo da Costa Ramalho apresentou, a 22 de Janeiro de 1963, com numerosa assistência de professores e alunos, uma comunicação sobre *Uma bucólica grega em Gil Vicente*. Aberta a sessão, a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira exprimiu a satisfação e o interesse com que ia ser ouvida a lição do Professor Doutor Américo Ramalho, o qual, embora por espaço de três anos estivesse ausente do país, em serviço oficial nos Estados Unidos, ali continuara a estudar com muito empenho os maiores representantes da cultura renascentista em Portugal.

Tomando a palavra, o conferente mostrou, contra a opinião consagrada de Carolina Michaelis, que Gil Vicente sabia latim bastante para ler a égloga I de Mosco nas versões de Angelo Policiano ou de Joviano Pontano e que, por conseguinte, não necessitava de uma tradução em espanhol ou em português para conhecer o modelo grego. A composição «O Amor Fugitivo» de Mosco teria sido aproveitada por Gil Vicente na sua «Frágua de Amor», como desde o final do século passado reconheceu Menéndez Pelayo e depois dele admitiram diversos investigadores americanos.

O conferente foi muito aplaudido. Na troca de impressões que se seguiu, o Professor Doutor Paulo Quintela manifestou concordância com o ponto de vista, expresso na comunicação, de que, em Gil Vicente, a utilização do latim para fins cómicos implica um razoável conhecimento da língua; e o conferente acrescentou, em resposta, que tal conhecimento lhe parecia natural em quem, como o poeta, entendeu que não devia privar-se de um elemento essencial da cultura do seu tempo.

Na sessão de 21 de Fevereiro, realizada também em um dos anfiteatros da Faculdade de Letras e com larga concorrência de professores e alunos, a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira apresentou uma comunicação sobre *O mito de Medeia na literatura portuguesa*. Aberta a sessão, o Doutor Walter de Sousa Medeiros, que presidia, informou que, por motivo de serviço oficial em Lisboa, o Professor Doutor Américo Ramalho não podia assistir àquela reunião; e exprimiu o reconhecimento e o apreço da Associação pelo saber,

inteligência e dedicação com que o Professora Doutora Rocha Pereira tem servido no nosso país a causa dos estudos clássicos, e o interesse com que ia ser ouvida a sua comunicação.

Depois de algumas considerações preliminares sobre a posição e a interpretação do mito de Medeia na religião grega, a conferente fez um rápido esboço do seu aproveitamento nas literaturas grega e romana, para depois se ocupar dos seus reflexos na poesia portuguesa. Observou que estes principiavam logo no Cancioneiro-Geral (embora vindos pela habitual via hispânica) e atravessavam os séculos seguintes, até aos nossos dias. Era posta em foco, sobretudo, a magia de Medeia, se bem que por vezes se fizesse referência à sua crueldade. Tratava-se, no entanto, sempre de alusões curtas, com excepção de três casos, que a conferente analisou com mais pormenor: a «ópera» de António José da Silva, *Os Encantos de Medeia* (levemente influenciada pela comédia do mesmo nome de Francisco de Rojas), que fantasia livremente sobre o mito; uma cantata de Bocage, que colhe parte da sua inspiração na tragédia de Séneca, embora tenha muito de original; e um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, que parte de um passo das *Metamorfoses* de Ovidio. No primeiro, glosa-se à saciedade o tema de magia; no segundo, este é associado ao da crueldade do assassinio dos filhos; e, no terceiro, é evocada a feiticeira, a cujas palavras encantadas se liga misteriosamente o próprio poder do verbo poético.

Sobre as relações entre *Cataldo Áquila Parisio Sículo e a Princesa Santa Joana* dissertou, na sessão de 8 de Março, o Rev. Dr. Domingos Maurício dos Santos. O Presidente da Associação, Professor Doutor Américo Ramalho, sublinhou o interesse do tema, quer para os estudiosos do Renascimento português, quer, de um modo particular, para os alunos da cadeira de Seminário da secção de Filologia Clássica, que preparam dissertações sobre textos e autores do nosso humanismo; e manifestou o seu apreço pelo valioso contributo que o Rev. Dr. Domingos Maurício tem trazido ao melhor conhecimento daquele período da nossa história literária.

Informou o conferente que se ocuparia apenas do estudo das composições que Cataldo Sículo dedicou à Princesa Santa Joana, com quem o humanista esteve em contacto em Aveiro, por ser sido chamado por D. João II a exercer as funções de mestre do bastardo D. Jorge, educado na clausura do Mosteiro de Jesus. Procedeu, em seguida, ao exame

dos treze epigramas dirigidos à Infanta, cujo significado poético e histórico analisou, pondo em relevo, no papel cultural da filha de D. Afonso V, a sua cultura latina e a estima e apreço que nutria pelo humanista siciliano. Observou, a terminar, que este não escapava ao pendor servilista dos seus colegas do tempo, com a agravante de que, apenas morreu a Santa Princesa, Cataldo nem sequer dedicou uma composição à sua memória: no horizonte da veia literária do humanista, novas estrelas surgiam.

O conferente foi muito apludido. Seguiu-se a habitual troca de impressões sobre a comunicação. O Rev. Dr. José Galdes Freire solicitou esclarecimentos, que o conferente prestou, sobre a influência do magistério de Cataldo em D. Jorge; o Professor Doutor Américo Ramalho aludiu ao interesse do estudo das relações de Cataldo com outras figuras italianas do tempo; o Dr. Giacinto Manuppella e o Rev. Dr. Custódio Lopes dos Santos referiram-se ao carácter interesseiro dos humanistas e aos motivos dessa atitude, a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira aos distúrbios causados pelo espírito irrequieto dos escolares do Estudo-Geral, o Rev. Dr. Domingos Maurício à influência dos humanistas como difusores de cultura. O Professor Doutor Américo Ramalho manifestou, por último, a sua satisfação pelo interesse que despertara o tema da comunicação apresentada pelo Rev. Dr. Domingos Maurício.

Cataldo Áquila Sículo e as suas relações italianas foram objecto de uma comunicação do Professor Américo da Costa Ramalho na sessão de 30 de Abril, a que assistiram muitos professores e alunos. A Vice-Presidente da Associação, Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, exprimiu o vivo interesse com que ia ser escutada a lição do Professor Doutor Américo Ramalho, que nos últimos anos tem dedicado muito da sua atenção ao estudo de Cataldo Sículo.

Afirmou o conferente que o humanista siciliano mantivera relações epistolares com alguns dos maiores humanistas italianos do seu tempo, mas que a maior parte dessa correspondência era anterior à vinda de Cataldo para Portugal. As cartas, todas existentes na edição de 1500, davam uma ideia da figura intelectual, e até moral, do humanista e mostravam a sua participação em alguns dos grandes movimentos culturais dentro do Quattrocento italiano. O Professor Doutor Américo Ramalho ocupou-se finalmente das relações tempestuosas de Cataldo com Aurelio Brandolini, por alcunha o Lippo, cuja figura identificou entre os

correspondentes italianos de Cataldo, graças a elementos encontrados inicialmente numa biblioteca universitária americana.

O conferente foi muito aplaudido. Seguiu-se a habitual troca de impressões sobre a comunicação. A pedido do licenciando Jorge Osório, o Professor Doutor Américo Ramalho deu esclarecimentos sobre a data das *Epístolas* de Cataldo e da *Oração* de Hilário Moreira, sobre as dificuldades verificáveis em muitos humanistas no tocante à formação de um estilo fluente e pessoal, e sobre as vantagens do latim para a difusão de cultura em línguas mal conhecidas no estrangeiro (caso do português). A Professora Doutora Rocha Pereira recordou, a propósito, que Garcia da Orta fora censurado por ter escrito em vulgar os seus *Colóquios* e que só depois de resumida e parcialmente traduzida em latim a obra se tornara conhecida e admirada fora de Portugal. Em resposta a uma pergunta do Professor Reis Santos, o conferente exprimiu a convicção de que era satisfatória a cultura clássica de D. João II. Por último, a Vice-Presidente agradeceu a excelente lição do Professor Doutor Américo Ramalho.

Na sessão de 27 de Maio, o Rev. Dr. Albino de Almeida Matos ocupou-se de *A Oração de Sapiência de Hilário Moreira, na Universidade (7552)*. O Presidente da Associação apresentou o conferente e salientou o interesse da comunicação, que constituíra o tema da dissertação de licenciatura do Rev. Dr. Almeida Matos no ano anterior.

Depois de mostrar que a escassez de dados o impedia de apresentar um esboço biográfico de Hilário Moreira, o conferente traçou o esquema da *Oração de Sapiência* e indicou e comentou as partes que a compõem. Ocupou-se, em seguida, das fontes e do aspecto formal, para concluir que Hilário Moreira, citando embora muitos autores, se valera sobretudo de enciclopédias (como a de Célio) e, no tocante a estilo, revelara grande poder de assimilação e bom gosto, utilizando cláusulas métricas, retocando aqui e além os textos que aproveitava e transpondo até uma vez, na sua ânsia de beleza literária, as barreiras da ortodoxia.

O conferente foi muito aplaudido. Em resposta a algumas dúvidas do licenciando Jorge Osório, o Professor Doutor Américo Ramalho afirmou que a utilização de enciclopédias (e, muitas vezes, de uma mesma enciclopédia) era processo corrente entre os humanistas e que a ideia de um Hilário Moreira «plagiário» poderia, com vantagem, ser mitigada.

A Professora Doutora Rocha Pereira observou, a propósito, que a monotonia das fontes utilizadas pelos humanistas chegava, por vezes, a ser confrangedora. Em referência aos elementos heterodoxos encontráveis na obra de alguns humanistas, o Professor Doutor Américo Ramalho evocou o processo de Mestre João da Costa e as acusações que pesaram sobre André de Gouveia, Diogo de Freire, Buquenano e outros; e o Rev. Dr. Geraldês Freire informou, a propósito da utilização de autores pagãos, que as próprias selectas dos jesuítas apresentaram sempre largos extractos da obra daqueles autores. O Presidente da Associação insistiu, por último, na necessidade de julgar as obras segundo o espírito da época e agradeceu ao Rev. Dr. Almeida Matos a interessante comunicação que apresentara.

As actividades da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos no ano lectivo de 1962-1963 terminaram com uma visita de estudo à vila romana de Torres Novas, onde recentes escavações trouxeram à luz interessantes mosaicos.

A visita foi orientada pelo coronel Afonso do Paço, que com o Presidente da Câmara de Torres Novas aguardava os visitantes à entrada das escavações. Estes tiveram ainda ensejo de percorrer, no regresso, as instalações provisórias do Museu Regional de Torres Novas.

DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS

Entre as mais importantes descobertas arqueológicas dos últimos tempos contam, sem dúvida, algumas identificações de figuras do altar de Pérgamo. Uma é a cabeça de Afrodite, que se encontra em Constantinopla e pertenceria ao lado ocidental do friso norte. Outra é uma parte do torso de Hefestos, no Museu de Bérgama. A terceira, uma figura alada masculina, em Constantinopla, que proviria do grande friso. A reconstituição da famosa obra de arte helenística, uma das maravilhas do mundo antigo, conhece assim um progresso decisivo.

Também a arqueologia romana tem registado descobertas de relevo, nomeadamente as das termas imperiais de Trier, as terceiras do mundo no tempo de Constantino, onde se encontraram os corredores de serviço subterrâneos para os escravos e escravas, e pinturas murais,